



## **ÉTICA: CADA UM FAZ A SUA**

Nem todos os programas que apresentam situações bizarras ou depreciativas sobre a raça humana têm como causadoras somente as intenções comerciais da televisão. Apesar de alguns críticos opinarem que “o sujeito que manda no espetáculo impõe aos outros o que jamais admitiria para si”, as pessoas que participam desses programas aceitam trocar a auto-estima pela fama.

O apelo pelo grotesco como espetáculo é tão antigo quanto o Coliseu, onde a população assistia a gladiadores sendo mortos por animais selvagens ou matando pessoas inocentes; assim era a chamada política do “pão e circo”, em Roma, na época do Império. Esse tipo de espetáculo perdura com algumas modificações desde aquele tempo.

Nada seria mais atual do que a leitura do caso do “Homem-elefante” em programas de apresentadores como Ratinho, João Kléber e Márcia Goldschmidt. Se vivo fosse, com certeza o quase-homem-quase-elefante teria espaço suficiente na mídia para mostrar seu sofrimento e, quem sabe, repetir o feito de ser tão célebre quanto na sua época, a ponto de receber a atenção e o carinho da rainha da Inglaterra.

Não é a maioria que se dispõe a comer bichos vivos (e outras coisas mais) só pelo prêmio cedido ao vencedor, até porque é sabido que somente um ganhará. A resposta para este enigma já foi respondida por Andy Warhol, que afirmava: “todo mundo quer ter seus 15 minutos de fama”. Ação frustrada foram as “pegadinhas” realizadas através de agência de empregos para entrevistas durante as quais pessoas eram submetidas a humilhações e depois, para não perder o dia,

aceitavam ceder o direito de imagem por valores ínfimos. Felizmente, este tipo de ação foi proibida.

Mesmo com uma vasta lista de bons serviços prestados à comunidade, como a busca de crianças desaparecidas, campanhas de doação de órgãos, ou, inclusive, orientação aos viciados à procura de tratamento, a televisão não escapou de ser acusada de emburrecer sua audiência e, principalmente, de veicular programação de baixo nível (o que, por um lado, não é mentira).

Então, o que se cobra como “ética televisiva” nunca existiu no mundo dos espetáculos. A verdadeira ética tem de partir do controle remoto de quem assiste. Pela sabedoria popular: “Quando um não quer, dois não brigam”.